



# Dossiê cidades dissidentes

A experiência urbana é marcada pela promessa de exposição à diferença. Em meio à heterogeneidade de corpos e situações há sempre a possibilidade de que encontros não programados ocorram e de que distintos vetores de força surjam a partir deles. Não à toa, uma das principais estratégias de controle da população cidadina diz respeito exatamente à delimitação espacial e à criação de fronteiras que determinam como cada corpo deve ou pode habitar o espaço urbano. Do mesmo modo, as construções arquitetônicas parecem reificar as noções e normas que regem a experiência social, indicando, através de sua grandeza, a vigilância constante e outras tantas relações de poder as quais seguimos submetidxs.

No dossiê *Cidades dissidentes* reunimos textos que apontam para outros usos da cidade, especialmente para aqueles onde a “diferença” se apresenta como potência, sendo capaz de formular proposições de vida que recusam veementemente a assimilação à normose. Diante do planejamento estrutural macropolítico que insiste em nos dizer como nos relacionar com os corpos que formam a urbe contemporânea - sejam eles humanos ou não -, o que percebemos neste compilado de escritos são alguns modos como experiências marginais são capazes de produzir outras sensibilidades apesar da força e insistência dessas imposições.

As propostas de ocupação e profanação dos espaços públicos aqui registrados e discutidos nos fazem vislumbrar apostas afetivas, sexuais, estéticas e políticas que diferem das conformações esperadas pelo poder hegemônico e que, por isso, têm a possibilidade de despertar questionamentos e ações que nos levam em direção a mundos habitáveis. Em meio ao recrudescimento das posições reacionárias na atualidade, expressas cotidianamente através de ataques a variadas expressões da diferença, as experiências aqui narradas apontam justamente para possibilidades de resistência. São experiências de vidas há séculos perseguidas por tentativas incansáveis de apagamento e extermínio. São experiências de vidas que carregam memórias ancestrais e que, ao serem ativadas, como pretendemos com essa publicação, podem funcionar como armas contra as opressões que nos assolam.

Abrimos nosso dossiê com o texto *Fantasma do sexo em público*, do cubano José Esteban Muñoz, que analisa representações artísticas do sexo em público de onde emergem fantasmas ou performances ritualizadas capazes de conectar passados perdidos ao presente (e ao futuro) do desejo político. Em seguida, apresentamos a tradução, realizada por Bryan Axt Correio, do importante texto *Museu, lixo urbano e pornografia*, do espanhol Paul B. Preciado, em que o autor parece antecipar questionamentos sobre a pornografia e a produção de subjetividades que são retomados em seu livro *Testo Yonqui* (2008).

A partir dessa possibilidade de pensar a pornografia, o sexo em público e os corpos dissidentes a partir das artes apresentamos os artigos *Amor com a cidade* de Thaís Faria Castro, que aborda o curta *Amor com a cidade*, de Juliana Dornelles; *Heterotopias do (in)desejável*, de Bruno Pereira, que discute a relação entre espaço e sexualidade a partir da obra fotográfica de Alair Gomes; *Queimadas*, de Melina Garcia Gorjon e Dolores Cristina Gomes Galindo, que pensa fotografia, violência e resistência a partir da sua própria produção; *A lenda da trava leiteira*, de Tertuliana Mascarenhas Lustosa, que se propõe a escrever uma lenda a partir do seu corpo trans.

Em seguida publicamos a tradução *As zonas vermelhas do espaço público*, da argentina Leticia Sabsay, que analisa, a partir do conceito butleriano de performatividade, as zonas vermelhas de Buenos Aires, espaços criados pela municipalidade para manter a prostituição invisível. A partir dessas interpelações à invisibilidade, apresentamos os artigos *O direito à cidade em uma perspectiva travesti*, de Maria Léo Fontes Araruna, que aborda seu próprio corpo para pensar a socialização e a construção da sua identidade travesti; *Transterritorializações*, de Kueyla Andrade Bitencourt, que discute processos de travestilização inspirados na trajetória de Gisberta, travesti que mora e trabalha no interior da Bahia.

Apresentamos, então, a tradução *A cota do sexo em público*, do escritor argentino Alejandro Modarelli, que, a partir das derivas eróticas da cidade noturna, avalia como a transgressão à lei é parte do prazer erótico do sexo em público. Pensando essa relação entre prazer e sexo em público apresentamos os artigos *Pegações cariocas*, de Paulo Alan Fragoso, que aborda etnograficamente os banheiros públicos das estações de transportes urbanos no Rio de Janeiro; *Corpos dissidentes na rua*, de Yuri Alexandre Estevão Rezende, Kerley dos Santos Alves e João Nazário Simões Villaschi, que se aproximam de espaços de sociabilidade e pegação LGBT no carnaval de Ouro Preto; *Espaços, corpos e desejos*, de Alexandre Eustáquio Teixeira, que trata do sexo em público em diferentes espaços na cidade de Belo Horizonte; e, por fim, *Narrativas*



*corporais do desejo bicha urbano*, tradução do chileno Juan Pablo Sutherland, que aborda os mapas do desejo que se desenham a partir dos teclados de computadores e smartphones.

Encerrando nosso dossiê, apresentamos ainda os textos *Carrocracia*, de Marcelo de Troi, que pensa o carro como peça chave na compreensão de processos de subjetivação, assim como na produção de imaginários e na diferenciação dos corpos nas cidades; e *A saga do siririca*, de Raphael Soifer, que escreve sobre a presença de corpos dissidentes nas jornadas de 2013 a partir de uma experimentação com a linguagem e com o próprio corpo.

Boa leitura!

Helder Thiago Maia (Universidade Federal Fluminense), Matheus Araújo dos Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Pablo Assumpção (Universidade Federal do Ceará).

